



ROTEIRO PARA PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA: REFLEXÕES, POSSIBILIDADES E CIRCUNSTÂNCIAS

Carla Marlise Silva¹

Introdução

A folha de papel não é apenas suporte passivo, é campo aberto à concriatividade do escrever e do ler, convite e incitamento à intercomplementaridade de atos separados por um hiato de tempo, que até pode ser de séculos, como pode ser de segundos, naquele instante, naquela brecha estreita que se situa entre o ato de escrever o texto escrito, passível de ser lido. (MARQUES,2001, p.82)

Escrever é preciso, é necessário. Superar o vazio de uma folha em branco e nela expressar com maior fidelidade o que se tem feito, aprendido e construído, não é tarefa fácil. Algumas reflexões já não terão a essência daqueles instantes do antes e do após os atos, a experiência vivida e sentida. Então, tudo o que for dito, escrito ou falado será o fragmento suspenso que a recordação trazer de mais significativo nesta intersecção de espaço, tempo, memória, sentimento e os ecos da nossa própria voz.

O ato de escrever roteiros para PVE- Produção de Vídeo Estudantil é antecedido por outros, e suas ramificações, tornando a sua realização possível, são eles: a escola, o/a professor(a) e a sua prática docente, e o (a) estudante. É necessário, pois, abordá-los separadamente a fim de compreender e contextualizar como essa trama orgânica tem seu início e concretude no ambiente escolar.

A Escola

Vemos as escolas como um espelho da sociedade, especialmente o currículo oculto das escolas. A “sociedade” precisa de trabalhadores dóceis; as escolas, através de suas relações sociais e de seu currículo oculto, garantem de alguma forma a produção dessa docilidade. (APPLE, 2002, p.83)

Com a globalização da economia, esperava-se que na escola e em outros ambientes e setores esse processo também ocorresse como forma de suplantar o dualismo cartesiano ainda dominante em muitas práticas e fazeres e dar mais unidade e sentido ao conhecimento.

¹ Carla Marlise Silva- Mestre em Educação pela PUCRS. Professora de Espanhol Escola Municipal de Ensino Fundamental Timbaúva, Porto Alegre/RS



Essas dicotomias: aprendizagem e ensino, corpo e mente, razão e emoção, pensar e fazer, entre outras, continuam causando entraves e obstáculos à aprendizagem significativa. Neste contexto caótico, os conteúdos aprendidos ou memorizados (repetição contínua) na escola prescindem de significado, causando a desmotivação dos estudantes.

A escola, apesar das inúmeras pesquisas realizadas sobre métodos contemporâneos para a educação, ainda continua priorizando em suas práticas um ensino e aprendizagem voltados ao pensamento linear, disciplinar e consequentemente fragmentado. (CHAGAS,2017,p.69)

Algumas indagações são necessárias para que (re) pensemos a escola que temos e a escola que queremos: O que faz com que a escola tenha avançado pouco em relação ao paradigma industrial? É conveniente para quem ou para o quê? A substituição, em algumas escolas, da lousa com giz pelo quadro branco causou algum impacto na aprendizagem? Quanto de tecnologia incorporamos nos nossos planejamentos e nas nossas aulas? O que os índices nacionais e internacionais indicam sobre o nosso “progresso”? Quanto se investe e já se investiu em educação no Brasil? A campanha da fábrica ainda toca na escola? Por quê? Organizar os alunos em filas no pátio e na sala de aula, olhando a nuca do estudante da frente melhora o aprendizado? Há dados estatísticos sobre isso? Ensinamos para a vida, mas não há vida dentro da escola? Quanto espaço os escolares têm nosso planejamento? Afinal, o que contempla o planejamento das aulas? Quanto espaço os professores e professoras têm para estimular práticas emancipatórias na escola? O que a grade curricular diz sobre o que queremos ensinar? O estudante nasce copista ou foi forjado na mesma escola que se queixa dessa condição? Educamos para a criticidade ou para obedecer? E onde está a felicidade na escola?

Falar na felicidade como algo que se experimenta em companhia não significa dizer que não há uma experiência individual da felicidade. Cada sujeito, na sua vivência pessoal e intransferível, tem a sua maneira de conduzir à felicidade. Ela é como um prisma, com múltiplas faces, que reflete a mesma claridade de maneira diferenciada, no espaço em que se coloca. (RIOS, 2002, p.120)

A escola é lugar de encontro de pessoas, de sensibilidades, de aprendizagens, de expectativas; o lugar no qual passamos muito tempo da nossa vida, é lugar de socialização, de afeto, e onde muitas aprendizagens e desaprendizagens ocorrem nem sempre de forma tão estimulante como poderia e deveria ser. Superar a fragmentação do conhecimento em



forma de disciplinas que insistem em não se relacionar e trazer à tona o que o currículo oculto tensiona e intenciona são elocubrações mentais das quais poderíamos nos ocupar a fim de compreender o contexto no qual estamos inseridos. Precisamos refletir sobre o nosso papel na manutenção deste *status quo*. Escola também é lugar de ser e de fazer feliz!

O/A Professor(a) e a Práxis Docente

(...) quem forma se forma e se re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.(...) Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2004, p. 23)

Uma formação docente pautada na educação para a criticidade, sensibilidade, curiosidade, autonomia e emancipatória urge para uma mudança drástica no que temos observado e produzido desde sempre. A Academia segue (de) formando para a obediência e a passividade, influenciando em reiteradas práticas uniformizantes, pois está distanciada do contexto escolar, do “chão da escola”.

Entretanto, essa influência não determina o fazer docente. O papel do (a) professor (a) é o de mediador (a) da construção, da desconstrução e da reconstrução do conhecimento por seus educandos, enfatizando as dimensões com as quais os conteúdos se interrelacionam: social, econômica, conceitual, biológica, histórica, legal, religiosa, estética, afetiva e cultural. O (A) professor (a) deve pautar as suas práticas pedagógicas na interdisciplinaridade dos conceitos, desenvolvendo nos alunos a curiosidade, a criticidade, a reflexão, a fim de que ocorra uma efetiva transformação social. Qual é o papel do (a) Professor (a) na promoção da interdisciplinaridade na escola? Nesse sentido Rios (2002, p.58) afirma que:

Costuma-se falar em interdisciplinaridade de uma maneira equivocada, como se ela fosse uma mistura de trabalhos: vai se fazer um trabalho, então juntam-se as disciplinas de português, matemática, geografia, história em torno de um tema, e pronto, tem-se interdisciplinaridade. Na verdade, é algo muito mais complexo: existe interdisciplinaridade quando se trata verdadeiramente de um diálogo, ou de uma parceria, que se constitui exatamente na diferença, na especificidade da ação de grupos ou indivíduos que querem alcançar objetivos comuns, que “jogam” em posições diferentes num mesmo “time”.



Fazenda (2008) acrescenta que na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades habilidades e técnicas visam favorecer sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua integração escolar.

A função fundamental da aprendizagem humana é interiorizar ou incorporar a cultura, para assim fazer parte dela. A necessidade de “aprender a aprender” (ou de ensinar a aprender) é uma das características que definem a cultura da aprendizagem. A aprendizagem é, portanto, uma tarefa reflexiva e não apenas repetitiva.

Schön (2000, p.221) propõe uma epistemologia baseada no conhecimento-na-ação e na reflexão-na-ação. O conhecimento na ação é o componente que está diretamente relacionado com o saber-fazer, é espontâneo, implícito e que surge na ação, ou seja, um conhecimento tácito. A reflexão-na-ação consiste em refletirmos no meio da ação, sem interrompê-la. Nosso pensamento nos conduz a dar nova forma ao que estamos fazendo e, no momento em que estamos fazendo, possibilitando interferir na situação em desenvolvimento.

Si lo pensamos, nos daremos cuenta de que la pregunta anterior: “¿Qué puedo hacer...?” se refiere no tanto a la motivación misma de los alumnos cuanto al entorno que educadores, profesores y padres podemos crear con nuestro modo de actuar y de dirigirnos a ellos. (TAPIA,2005, p.11)

Como motivar a docentes e a discentes para que sigam motivados a ensinar e a aprender? Em que momento o desejo de aprender nasce e quando se perde? Quando as expectativas se frustram? São questionamentos necessários para compreender e de alguma maneira intervir nesse processo a fim de que o desejo de aprender, de ensinar e de estar na escola permaneçam.

Há uma incoerência entre o discurso, o desejo e as práticas ainda incorporadas nos agentes educacionais. O *habitus* incorporado pelos profissionais traz em si, ainda, um modelo tradicional de uma pedagogia fundamentada no acerto e erro, na aprovação ou na reprovação, portanto num conceito de avaliação que se norteia por valorizar aquilo que não se aprendeu ainda e não o que já foi aprendido pelos alunos. (SILVA, 2003, p.95)



No momento atual, 2022, em que ainda enfrentamos a Pandemia do Corona Vírus e suas consequências, experimentamos o esmorecimento das expectativas escolares, o desinteresse dos alunos e o abatimento dos(as) Professores e Professoras. As escola, principalmente as que conheço, não se prepararam para acolher Professores (as) e estudantes nas suas necessidades básicas. Aos poucos é preciso encontrar soluções, ainda que temporárias, para lidar com tantas incertezas (além das que já tínhamos) e restabelecer, ainda que minimamente a saúde física mental de discentes e docentes para que a aprendizagem e as relações se restabeleçam.

Um caminho interessante para atenuar esta complexidade é o ensino por competências, pois estas, segundo Zabala (2010, p.13), englobam o âmbito social, o interpessoal, o pessoal e o profissional. O ensino por competências dá conta da CHAVE: Conhecimentos, Habilidades, Atitudes, Valores e Entorno. Uma ação pedagógica competente passa por esta CHAVE que propõe uma aprendizagem que produz significado e permanência ao longo do tempo.

O/A estudante

O/A estudante, ao qual me referirei nesse Relato de Experiência, está na faixa dos 12 aos 16 anos de idade, frequenta os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) de uma escola municipal da periferia da cidade de Porto Alegre e, os pais, na maioria, possuem baixo nível de escolarização. Pelos depoimentos dados recentemente para um documentário escolar, o momento de que mais gostam é a hora do recreio e o espaço de que mais gostam é o pátio da escola.

O retorno às aulas presenciais continua difícil para os adolescentes, já que o distanciamento social lhes furtou o que é mais valioso nesse período: a convivência e o amadurecimento com seus pares. O adoecimento de familiares, a perda de entes queridos, aliado ao medo de se contaminar e morrer foram alguns sofrimentos experimentados nesse período sombrio. É necessário, então, que a escola os/as acolha, sendo um lugar seguro com uma escuta sensível e com atividades que promovam a alegria, a elevação da autoestima, a socialização e o prazer de aprender.



Os/As estudantes chegam à escola com bons conhecimentos sobre tecnologia utilizada no celular, manejando muito bem os aplicativos e as modernidades que para este meio estão disponíveis. Entretanto, no que se refere aos Chromebook disponibilizados pela Secretaria, estão começando a se familiarizar com as suas funcionalidades.

A escola onde trabalho vem se adaptando e oferecendo capacitação para que os/as professores/as se atualizem e utilizem as TDIC -Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação na sala de aula, a fim de promover o uso de metodologias ativas. Ainda é um ensino incipiente, mas um passo em direção a aprendizagens que se configurem em significativas.

Metodologia

Considerando todo o anterior citado, o trabalho com vídeo, além de promover o desenvolvimento de potencialidades dos alunos, possibilita que assumam papéis que não são experienciados no cotidiano da escola: roteirista, câmera, figurinista, narrador, sonoplasta, diretor, continuísta, entre outros. Esse protagonismo faz com que os estudantes leiam e sintam o mundo de diferentes formas, tornando-os mais sensíveis, críticos, solidários, cooperativos e criativos. O uso de materiais e equipamentos não usuais no cotidiano da escola, como: máquina fotográfica, tripé, chroma-key, programas de edição de som, de vídeos e de tratamento de imagens, também promovem o conhecimento e a sensibilização no uso dessas diferentes linguagens.

É mister, entretanto, destacar que este trabalho é realizado, na maioria das vezes, com recursos próprios (do/a professor/a), já que as escolas dispõem de poucos recursos na área. Não é necessária alta tecnologia, pois com um celular e softwares gratuitos o trabalho pode ser realizado e produzir ótimos resultados. A disposição do profissional da educação e a sua capacidade de estimular os estudantes na produção dos vídeos é ainda o que possibilita a realização do trabalho.

A criação do roteiro para a gravação de vídeo estudantil é o momento no qual os estudantes apresentam resistência no que consiste em sistematizar detalhadamente as etapas antes das gravações. Geralmente, eles querem conversar por alguns minutos, socializar em linhas gerais o que irão fazer, improvisar e começar as filmagens. Quando os vídeos são



curtos, eles anotam algumas frases, decidem como irão fazer, que pessoas participarão, qual é o espaço e cenário necessários, gravam e depois editam. Depois de finalizada, a parte de que eles mais gostam é a dos erros de gravação. A construção do roteiro na escola não é, portanto, um processo rígido, pois lidamos com o imediatismo e a ansiedade dos adolescentes.

A seguir, elenco alguns vídeos realizados na escola onde trabalhei até 2019 e explico como o roteiro foi construído.

- Fotonovela

https://www.youtube.com/watch?v=HYY3-6Rt8yw&ab_channel=Saladeaula

Neste trabalho, os/as adolescentes do 7º ano criaram o texto e as falas do vídeo em português e após as traduziram para o espanhol. A locação foi na escola, devido a impossibilidade de retirá-los de lá. Conforme a luz do dia e os horários mais silenciosos, fomos fazendo as gravações. A edição foi feita pela Professora, pois não havia computador com software de edição.

- Jornal da História 1 e 2

https://www.youtube.com/watch?v=snltOVZuwtc&t=3s&ab_channel=Saladeaula

https://www.youtube.com/watch?v=vb0lhOw8pq0&t=14s&ab_channel=Saladeaula

Este trabalho contou com a parceria da Professora de História e Geografia, Ana Helena de Souza Birnfeld que preparou e ensaiou os textos com os alunos do 6º ano a partir do livro didático utilizado na ocasião. As filmagens foram feitas na sala de aula durante muitos dias até se chegar ao resultado final.

- Curta Prendarella

https://www.youtube.com/watch?v=fJJ1CFfhwBI&t=3s&ab_channel=Saladeaula

Este trabalho contou com a parceria da Professora de História e Geografia, Ana Helena de Souza Birnfeld e da Professora de Português Leida Susi dos Reis Bauer. O texto do vídeo foi elaborado pelas Professoras a partir do livro lido com elas, sistematizaram as



falas, as ensaiaram exaustivamente para posterior gravação. O figurino foi pensado pelas Professoras e o cenário foi feito com a colaboração e doação de todos os colegas da escola. As gravações duraram mais de quinze dias em função da organização da escola (horário das turmas), do silêncio (difícil por ser uma escola de madeira) da frequência dos alunos, pois alguns artistas faltavam muito. Como não havia continuísta, há personagem que morre numa das cenas e aparece noutra e alguns outros erros que ocorrem por estarmos em grupo reduzido para a realização da atividade.

- Telediário Planeta Español

https://www.youtube.com/watch?v=4ZfFIQywn8E&t=13s&ab_channel=Saladeaula

Este trabalho foi realizado por mim, nas aulas de espanhol, e pelos alunos da Turma do 9º ano. A primeira etapa foi definir quais as colunas eram as principais num telejornal. Após a decisão, os textos foram criados em português e traduzidos ao espanhol. Os adolescentes convidaram alguns professores e professoras para serem entrevistados no telejornal.

Considerações Finais

Tendo em vista os aspectos mencionados e vivenciados no decorrer da minha experiência como Professora de escola pública na elaboração de roteiro para PVE-Produção de Vídeo Estudantil, é possível perceber um descompasso entre formação docente e expectativas de aprendizagem de professores e alunos. Se por um lado, os cursos de formação não preparam para atividades desafiadoras e recentemente estão abordando o tema das metodologias ativas; por outro lado, os/as estudantes, de gerações tão distantes às dos professores e professoras, demandam atividades e conhecimentos para os quais estes não se sentem preparados para exercer.

O roteiro, mesmo de forma intuitiva, pode ser realizado na escola se houver o interesse de docentes e discentes em colaborarem mutuamente, sendo possível a produção de vídeo audiovisual com poucos recursos tecnológicos.

O trabalho com vídeo beneficia a todos e todas na escola, pois contribui para a aprendizagem de forma dinâmica, onde cada um contribui com os seus conhecimentos, habilidades e atitudes na produção de um resultado que é muito maior que a própria atividade: o desejo de estar e aprender na escola.



Referências Bibliográficas

CHAGAS, Kadydja Karla Nascimento. Curitiba: Appris, 2017.

FAZENDA, Ivani (Org). O que é interdisciplinaridade?
<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/fazenda-org-o-que-c3a9-interdisciplinaridade.pdf> Acesso em 07/09/2022

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MARQUES, Mário Osório. Escrever é preciso: o princípio da pesquisa. Ed. Unijuí, 2001.

RIOS, Terezinha Azêredo. Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade. São Paulo: 2002.

SCHÖN, Donald A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Jansen Felipe da; HOFFMANN, Jussara, ESTEBAN, Maria Teresa. Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo. Porto Alegre: Mediação, 2003

TAPIA, J. Alonso. Motivar en la escuela, motivar en la familia: claves para el aprendizaje. Madrid: Ediciones Morata, 2005.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010.